

SEÇÃO ESPECIAL: CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE

A importância de Paulo Freire para a educação humanizadora na educação superior

Marcelo Augusto da Costa¹
Ruth Pavan²

RESUMO

O artigo faz parte de uma pesquisa que tem como um dos elementos centrais a educação freiriana. O objetivo do artigo, de caráter teórico, é refletir sobre as possibilidades de processos educativos humanizadores na educação superior, que tenham como propósito a construção da dignidade e da liberdade humana. Em um primeiro momento, tem-se o foco no que significa ser, hoje, um professor comprometido com o processo de humanização, de liberdade e de dignidade dos indivíduos. Em seguida, apresenta-se a contribuição que o processo educativo pode propiciar às pessoas, a fim de fortalecer a humanização e, com isso, ajudar na construção de uma vida mais digna. Na conclusão, ressalta-se a importância de Paulo Freire para o processo educativo e a atuação dos professores da educação superior no desenvolvimento da dignidade e humanização das pessoas.

Palavras-chave: Paulo Freire. Educação humanizadora. Educação superior.

Como citar este documento – ABNT

COSTA, Marcelo Augusto da; PAVAN, Ruth. A importância de Paulo Freire para a educação humanizadora na educação superior. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 11, e034551, p. 1-13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.34551>.

Recebido em: 11/06/2021
Aprovado em: 24/09/2021
Publicado em: 21/10/2021

¹ Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3418-283X>. E-mail: agustoseminarista@hotmail.com

² Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8979-1125>. E-mail: ruth@ucdb.br

La importancia de Paulo Freire para la educación humanizadora en la educación superior

RESUMEN

El artículo forma parte de una investigación que tiene la educación freiriana como uno de sus elementos centrales. El objetivo del artículo, de carácter teórico, es reflexionar sobre las posibilidades de procesos educativos humanizadores en la educación superior que coloquen en el centro la construcción de la dignidad y de la libertad humana. En un primer momento, se centra en lo que significa ser hoy un profesor comprometido con el proceso de humanización, libertad y dignidad de las personas. En seguida, se presenta la contribución que el proceso educativo puede propiciar para fortalecer la humanización y, con eso, ayudar en la construcción de una vida más digna para las personas. En la conclusión, se resalta la importancia de Paulo Freire para el proceso educativo y la actuación de los profesores de la educación superior en la construcción de la dignidad y humanización de las personas.

Palabras clave: Paulo Freire. Educación humanizadora. Educación superior.

The importance of Paulo Freire in humanizing education in Higher Education

ABSTRACT

The article is part of a research that has as one of the central elements the freirean education. The aim of this paper, with a theoretical approach, is to reflect about the possibilities of humanizing education processes in higher education with a focus on the construction of human dignity and freedom. Firstly, the meaning of being a professor committed to people's humanization, freedom and dignity is addressed. Afterwards, the contribution that the education process may give to people is presented, expecting to strengthen humanization and, thus, to help people construct a more dignified life. In conclusion, the importance of Paulo Freire to the education process is highlighted, as well as higher education professors' actions in constructing people's dignity and humanization

Keywords: Paulo Freire. Humanizing education. Higher education.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa que tem como um dos elementos centrais a educação freiriana. Trata-se de uma reflexão teórica com o objetivo de apresentar as possibilidades de processos educativos humanizadores na educação superior, que tenham como propósito a construção da dignidade e da liberdade humana. Destacamos a atuação pedagógica que compreenda e defenda o processo educativo como um processo humanizador e, portanto, comprometido com a dignidade de todas as pessoas. O artigo é fruto de pesquisa bibliográfica, a partir da escolha de obras e artigos que discutem a respeito da educação humanizadora, com destaque para Paulo Freire e outros autores que recorrem à teoria freiriana. Embora a educação humanizadora seja abordada nos trabalhos de Freire, para a construção deste artigo, nos baseamos fundamentalmente na obra mundialmente conhecida, *Pedagogia do oprimido*, e na obra *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*, na qual Paulo Freire faz uma releitura da primeira. Outras obras de Freire são citadas de forma complementar, bem como autores, que desenvolvem reflexões baseadas em Freire. Explicita-se que o artigo tem como pressuposto teórico a própria pedagogia crítica de Freire, isto é, uma discussão teórica, que traz no seu bojo a ideia da necessária transformação das relações de opressão que marcam a sociedade e a educação brasileira.

Inicialmente, apresentamos uma reflexão sobre os caminhos e perspectivas do que significa ser professor hoje articulada com o processo de humanização. Para tanto, utilizamos como base o pensamento de Freire (1999; 2000; 2011), de Streck (2009), entre outros. Em seguida, apresentamos as possíveis contribuições que a educação superior pode propiciar para fortalecer a humanização e, com isso, ajudar na construção de uma vida mais digna para as pessoas. Para isso, abordamos autores como Arroyo (2000), Freire (2011), Candau (2014, 2016a), entre outros. Na conclusão, ressaltamos a importância de Paulo Freire para o processo educativo e a atuação dos professores na construção da dignidade e humanização das pessoas.

Como nos lembra Candau (2014, p. 33), os professores “estão em evidência e no centro das controvérsias sobre a problemática atual da educação brasileira”. Isso ratifica a necessidade de trazeremos à discussão a importância do professor no processo de uma educação humanizadora, salientando que “[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer seu aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento” (FREIRE, 2002, p. 96, grifo do autor). Ser bom professor é ter um profundo interesse e compromisso para que seu aluno aprenda. Para Freire, a aula deve ser “[...] um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas” (FREIRE, 2002, p. 96, grifos do autor).

SER PROFESSOR NA EDUCAÇÃO SUPERIOR E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

O mundo contemporâneo – no qual estamos vivendo e aprendendo diariamente – passa por mudanças e problemas constantes, colocando-nos frente a desafios que nos permitem pensar e agir de diferentes maneiras, seja como professores seja como cidadãos. “A afirmação-reafirmação das lutas pela educação em nossa sociedade tão desigual tem sido uma constante no pensamento político, social e pedagógico” (ARROYO, 2018, p. 1099). Apesar de inúmeras possibilidades, entendemos que ser professor é atuar juntamente com os alunos, priorizando as relações entre as pessoas, os valores que preservam a vida e a dignidade de todos, com a intenção de combater constantemente a desigualdade social.

Segundo Arroyo (2000), a desigualdade está presente tanto em nossa sociedade quanto no interior dos espaços educativos e, por isso, não pode ser colocada em segundo plano. Como alerta Freire (2000, p. 67), “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Assim, é cada vez mais urgente repensar as práticas e perceber que a educação é um caminho para nos ajudar a superar nossas dificuldades. Retomar constantemente o pensamento de Paulo Freire, que teve sua vida marcada pela luta por uma educação libertadora e humanizadora, não só é urgente, como também necessário. Conforme explicita Streck (2009), com base em Freire, as pessoas que vivem a opressão em nossa sociedade estão impedidas de se desenvolverem como seres humanos: “O oprimido é o ser humano alijado da condição de ‘ser mais’ no sentido de realização da vocação de ser capaz de pronunciar o seu mundo como sujeito” (STRECK, 2009, p. 543).

De acordo com Streck (2009), reconhecemos a necessidade de uma educação conscientizadora no contexto em que a pessoa está inserida. Por meio do processo educativo, o ser humano pode construir-se, tornar-se participativo, transformador da própria condição de existência. Mediante uma educação humanizadora, pode-se desconstruir o pensamento da sociedade na qual vivemos, de que alguns indivíduos ficam naturalmente à margem, como se o processo de desumanização que muitos, infelizmente, sofrem fosse inevitável.

O pensamento de Paulo Freire, no entender de Saul e Silva (2012a), mantém-se como uma referência para os centros de pesquisa em vários países do mundo, promovendo estudos sobre a teoria freiriana e a recriação do seu legado. Conforme Saul e Silva (2012a), “a crescente publicação de suas obras em mais de vinte idiomas e as experiências *teórico-práticas* que se desenvolvem, a partir de referenciais freirianos, em diferentes áreas do conhecimento, indicam a atualidade e a vitalidade do pensamento desse autor” (SAUL; SILVA, 2012a, p. 9, grifos dos autores).

A humanização é, segundo Freire (2000), uma condição ontológica. Cada pessoa deve ser respeitada e, sobretudo, ter seus direitos básicos assegurados pela sociedade. Saul e Silva

(2012a) afirmam que “a obra de Freire inscreve-se na moldura da educação libertadora. Nessa concepção, estão implicados os conceitos de politicidade da educação, democracia, justiça social, poder, liberdade, utopia e ética” (SAUL; SILVA, 2012a, p. 10). Nesse sentido, é importante que a educação não seja mais um meio de oprimir os seres humanos, mas que seja fonte de libertação. Desse modo, como destaca Romão (2010), não existe apenas uma educação, mas várias possibilidades:

Para Paulo Freire, não existe a educação, mas educações, ou seja, formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser. Basicamente, as várias ‘educações’ se resumem a duas: uma, que ele chamou de ‘bancária’, que torna as pessoas menos humanas, porque alienadas, dominadas e oprimidas; e outra, libertadora, que faz com que elas deixem de ser o que são, para serem mais conscientes, mais livres e mais humanas. A primeira é formulada e implementada pelos(as) que têm projeto de dominação de outrem; a segunda deve ser desenvolvida pelos(as) que querem a libertação de toda a humanidade (ROMÃO, 2010, p. 133).

Portanto, defender uma educação libertadora, com base na teoria de Freire, significa comprometer-nos, como professores e cidadãos, com a transformação das relações que produzem a opressão. É importante dizer que a formação de professores precisa “assumir um processo de desnaturalização da profissão docente, do ‘ofício de professor’, e ressignificar saberes, práticas, atitudes e compromissos cotidianos orientados à promoção de uma educação de qualidade social para todos” (CANDAU, 2014, p. 41).

Nessa perspectiva, ressaltamos a necessidade da relação dialógica que deve existir entre aluno e professor (FREIRE, 2014). Entendemos, apoiados em Freire, que nessa relação há elementos indispensáveis, como: a proximidade, o diálogo, a escuta e o sentimento de pertença no contexto educativo. Finalizamos este item ressaltando que, no processo educativo humanizador, tanto professores quanto alunos precisam ser reconhecidos como sujeitos produtores do conhecimento (FREIRE, 2011).

EDUCAÇÃO SUPERIOR E DIGNIDADE: UM ENCONTRO NECESSÁRIO

Iniciamos este item lembrando, com Paulo Freire, a importância do educador no fortalecimento do educando, sobretudo, no que diz respeito a incentivá-lo a buscar seus sonhos, sua autonomia e suas aspirações, entre outros. Segundo Freire (2014, p. 116), para ser educador, importa “[...] que ele ou ela estimule a construção da autonomia do(a) aluno(a). É necessário que o professor entenda que a prática autêntica do educador reside no fato de que o educador se recusa a assumir o controle da vida, dos sonhos e das aspirações dos(as) educandos(as) [...]”. Isso quer dizer que o educador não dirige a vida do seu educando, mas compreende que, com a contribuição do educador, o estudante é capaz de construir um presente e um futuro com dignidade para si e para o coletivo.

Aliás, em Freire (2011), o reconhecimento da importância do coletivo é imprescindível. Isso fica evidenciado em uma frase recorrentemente utilizada por educadores e pesquisadores da área da educação, a qual demonstra a preocupação com a dimensão do coletivo: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, p. 95). Além disso, Freire (2014) afirmava que a obrigação principal “do educador e da educadora é uma tarefa libertadora. Não é para encorajar os objetivos do educador e as aspirações e os sonhos a serem reproduzidos nos educandos, os alunos, mas para originar a possibilidade de que os estudantes se tornem donos de sua própria história” (FREIRE, 2014, p. 116).

A partir do momento que o processo de tornar-se dono de sua própria história vai acontecendo de maneira participativa, a educação torna-se um caminho para a humanização e a construção da dignidade humana. Nesse sentido, o educador e a educadora devem estar sempre atentos à realidade de todos os alunos e alunas. O aluno traz para o ambiente acadêmico uma bagagem do ambiente externo. Questões financeiras, sentimentais, emocionais e situações outras, consequências da desigualdade social vigente, devem ser consideradas criticamente. Com isso, Freire (2011) vê na educação um espaço e um momento em que se pode dialogar, um espaço no qual o aluno e a aluna podem sentir-se acolhidos e, muitas vezes, protegidos. Por meio de uma relação horizontal, dialógica e comprometida com a vida digna, estabelecida entre educador e educando, é que uma educação humanizadora, segundo Freire (2011), torna-se possível.

Sonhar é imaginar horizontes de possibilidade; sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade. A capacidade de sonhar coletivamente, quando assumida na opção pela vivência da radicalidade de um sonho comum, constitui atitude de formação que orienta-se não apenas por acreditar que as situações-limite podem ser modificadas, mas, fundamentalmente, por acreditar que essa mudança se constrói constantemente e coletivamente no exercício crítico de desvelamento dos temas-problemas sociais que as condicionam (FREIRE, 2014, p. 42).

O educador, então, juntamente com seus alunos e alunas, trilharão caminhos de possibilidades, de encontros e desencontros, de encantos e desencantos, com os quais se depararão ao longo de sua jornada, na perspectiva de construir a dignidade humana, que deve estar acessível a todos e todas.

O processo educativo humanizador considera as experiências e a realidade de cada um, sem discriminar as experiências e conhecimentos das classes populares, sem supor que essas vivências sejam irrelevantes. Nas palavras de Freire (1999),

[...] possivelmente foi a convivência sempre respeitosa que tive com o ‘senso comum’, desde os idos de minha experiência no Nordeste brasileiro,

a que se junta a certeza que em mim nunca fraquejou de que sua superação passa por ele, que me fez jamais desdenhá-lo ou simplesmente minimizá-lo. Se não é possível defender uma prática educativa que se contente em girar em torno do 'senso comum', também não é possível aceitar a prática educativa que, zerando o 'saber de experiência feito', parta do conhecimento sistemático do(a) educador(a) (FREIRE, 1999, p. 58-59).

Observamos o cuidado de Paulo Freire com o processo educativo, especialmente no que se refere à importância que ele atribuía ao "saber da experiência feito". Isso quer dizer que não podemos construir um processo educativo digno e humanizador se, como educadores e educadoras, não reconhecermos que todos possuem conhecimentos, sejam advindos da experiência, sejam provenientes da academia, dos movimentos sociais etc.

A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA EM UM CONTEXTO DE DESIGUALDADE SOCIAL E INDIVIDUALISMO: OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES

Defender a educação humanizadora no contexto da educação superior torna-se importante, sobretudo, no contexto atual, no qual se observa a intensificação das políticas neoliberais e tecnocráticas. Há uma desqualificação dos conhecimentos das ciências humanas, os quais são vistos como inúteis e como um desperdício de recursos públicos. Essa desqualificação é pautada no pressuposto de que a educação superior deve servir aos interesses do mercado, formando profissionais que não coloquem em xeque as relações de dominação e exploração.

Ao desqualificar os conhecimentos das ciências humanas, a educação superior contribui para propagar a lógica individualista e concorrencial típica da sociedade neoliberal. Segundo essa lógica, os sujeitos que vivem em condições desumanas são vistos como responsáveis por estarem nessa situação, porque são considerados incapazes de competir devido a uma inaptidão entendida como natural ou certa tendência para a preguiça. Em vez de produzir laços de solidariedade entre os injustiçados, produz-se competição e concorrência entre indivíduos e instituições educativas:

O outro, no caso, é concorrente e inimigo. No contexto dessa disputa, são destituídos ou esvaziados os espaços de uma formação democrática, dialógica e humanizadora. Essa lógica vem adentrando as instituições educativas, de modo intenso na educação superior, criando um clima de animosidade entre as próprias instituições. As relações de solidariedade que deveriam pautar essas instituições educativas republicanas são catapultadas por relações de concorrência, muitas vezes, profundamente antiéticas e imorais (MARCON; SCOLARI; MEZADRI, 2021, p. 3).

Nesse sentido, na educação superior, é urgente problematizar a lógica neoliberal, que produz mais desigualdade, competição e injustiça. Vemos nas teorizações de Freire, sobretudo, na defesa da educação humanizadora, um caminho fértil para colocar em xeque essa tendência individualista e contribuir para se pensar a educação superior como uma

possibilidade de estabelecer relações sociais que levem à construção da dignidade humana e da justiça social. Como destaca Beisiegel (2018, p. 16), a luta e o desejo “[...] de jovens ou adultos das classes subalternas por melhoria das condições de vida pelos caminhos da educação superior, mesmo que ainda não estivesse identificada explicitamente em análises específicas de Paulo Freire, não era ignorada”.

Portanto, é necessário desconstruir o individualismo, reafirmando a educação humanizadora. O individualismo, longe de ser uma característica natural do ser humano, foi produzido pelo neoliberalismo e adentrou na educação superior concomitantemente com a desqualificação das ciências humanas, formando sujeitos com dificuldade de se solidarizar com a dor dos outros: “As estratégias empregadas na formação do sujeito neoliberal foram eficientes, criando condições para transformar a subjetividade e convencendo as pessoas a agirem com base no cálculo e no interesse individual” (MARCON; SCOLARI; MEZADRI, 2021, p. 5).

Destacamos que a educação não supera sozinha os problemas da sociedade, principalmente uma sociedade desigual como a brasileira. Arroyo (2018, p. 1105) considera que, em nossa história da educação, a escola tem educado “os decretados subcidadãos para a igualdade cidadã”. Ainda que o autor esteja se referindo à escola, na educação superior essa ideia também está presente. Pensando dessa forma, acredita-se que os supostos “subcidadãos” não têm conhecimentos, cultura ou condições de participar das decisões na sociedade. Essa compreensão é reacionária e não reconhece que diferentes culturas possuem diferentes conhecimentos, evidentemente, distintos daqueles considerados oficiais, mas nem por isso menos importantes.

Arroyo (2018) aponta que, quando a educação é vista como meio de “educar os subcidadãos”, ela é considerada como capaz de resolver a desigualdade social, como se esta existisse em função da falta de educação, de conhecimento e de cultura dos grupos subalternizados. Porém, a desigualdade é um produto das relações sociais de dominação e exploração da sociedade capitalista. Para Arroyo (2018), “tensa e contraditória missão de corrigir pela educação o padrão de poder, de saber, de ser, de decretar os Outros como inferiores em valores, saberes, cidadania, humanidade” (ARROYO, 2018, p. 1105). Ressaltamos que a educação superior faz parte desse mesmo contexto, e é válido recordar que Freire se preocupou em defender uma educação emancipatória e humanizadora em todos os níveis. Beisiegel (2018) evidencia que os trabalhos de Paulo Freire, mesmo quando se referiam especificamente à educação superior,

[...] continuavam focalizados no processo de emancipação dos oprimidos. Mas é indispensável observar que a exposição aprofundada da situação dos oprimidos envolvia, também, implícita ou explicitamente, ambos os polos da opressão. As orientações de uma educação comprometida com a emancipação do oprimido eram a outra face de uma educação voltada para

a perpetuação da opressão. E esclarecia também que as ações orientadas para a eliminação da opressão somente poderiam decorrer da atuação dos oprimidos. A partir das análises que constituem os tipos antagônicos da educação bancária e da educação problematizadora, era possível deduzir quais seriam as posições do autor a propósito das instituições do ensino superior (BEISIEGEL, 2018, p. 13).

Assim, a educação superior humanizadora não pode aceitar a desqualificação dos conhecimentos e dos sujeitos populares, tampouco a ideia de que a desigualdade deve-se a uma suposta falta de conhecimento dos grupos populares. Em vez disso, é preciso “[...] promover a inter-relação dos saberes assumidos como científicos com outros saberes, considerados não científicos. Não se trata de afirmar uns e negar os outros, e sim de colocá-los em diálogo, partindo-se da copresença e da comunicação mútua” (CANDAU, 2016b, p. 26).

Quando reconhecemos, respaldados em Freire (1999), Arroyo (2018), Candau (2016b), entre outros, que há produção de conhecimentos nos diferentes grupos sociais e culturais, estamos criticando a ideia predominante nas políticas educacionais de que “[...] as desigualdades sociais nos direitos cidadãos, de trabalho, renda, moradia, vida... têm como causa a desigualdade de escolarização, de letramento, de aprendizagem dos conhecimentos escolares, dos saberes” (ARROYO, 2018, p. 1105-1106). Arroyo (2018) continua sua crítica, argumentando que a desigualdade é compreendida, nas políticas educacionais vigentes, como a ausência “dos valores de trabalho, de disciplina, de ordem, de sustentabilidade a ser aprendidos nos percursos escolares de qualidade” (ARROYO, 2018, p. 1106). Em última instância, portanto, responsabiliza-se o sujeito pobre por sua condição de pobreza. Na linguagem freiriana, trata-se da “educação bancária”, que reproduz a sociedade dominante. Nessa educação, “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente” (FREIRE, 2011, p. 82), ou ainda, “o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (FREIRE, 2011, p. 82).

Não estamos colocando em xeque a importância que a educação tem para a sociedade e, em especial, para o processo de humanização e construção da dignidade humana. Argumentamos que não é qualquer educação que vai contribuir para que esse processo se realize. É necessário que seja uma educação freiriana, a qual vê a desigualdade como resultado das relações de injustiça, de dominação e de exploração, a partir de um processo histórico que se inicia, no contexto brasileiro, com a colonização.

Portanto, afastamo-nos radicalmente da ideia de uma educação que tenha um superpoder e “[...] propriedades salvíficas, face aos problemas sociais e econômicos no novo capitalismo” (LIMA, 2010, p. 41). Muitas vezes, esse tipo de educação resvala “[...] para os universos do simples adestramento, ou até mesmo do amestramento” (LIMA, 2010, p. 41). Lima (2010) alerta-nos que, “[...] ao aceitar que a educação não faz tudo e que a aprendizagem não pode

tudo, se aceite, conseqüentemente, a sua subordinação mecânica perante a sobredeterminação econômica” (LIMA, 2010, p. 51), ou seja, apesar de a educação fazer parte de toda a engrenagem social, econômica, política e cultural, entre outras, isso não quer dizer que não possa fazer algo fora da lógica instituída. Argumentamos que a educação pode contribuir para o processo de humanização e dignificação dos seres humanos se apoiada nos princípios de Paulo Freire.

Ressaltamos a indissociabilidade entre a luta pela educação e a luta pela humanização e por uma vida digna. Diante do exposto, amparados em Freire (2000), não há como afirmar que a educação produzirá, sozinha, a justiça social, a igualdade econômica e a dignidade humana. No entanto, a educação jamais deve contribuir para responsabilizar os desiguais por sua desigualdade: “Culpar os Outros como autorresponsáveis pela condição histórica de desiguais tem sido uma das formas históricas mais perversas de inocentar e perpetuar as desigualdades estruturais” (ARROYO, 2018, p. 1106).

Finalizamos com base no pensamento de Freire (2011), o qual afirma que a educação, quando é uma prática da liberdade, nos torna mais humanizados, além de afastar-se de uma “prática da dominação” (FREIRE, 2011, p. 98). A educação humanizadora reconhece que as pessoas não são abstratas, mas inseridas no mundo e, portanto, susceptíveis aos diferentes fatores da vida concreta. A educação que se pretende libertadora e humanizadora luta constantemente contra todas as formas de opressão, sejam elas econômicas, sociais, étnicas ou religiosas, entre outras. Quando perde essa dimensão libertadora, torna-se uma educação que reproduz, predominantemente, os processos opressivos da sociedade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma educação humanizadora na educação superior é aquela capaz de abrir possibilidades para um olhar consciente e transformador. No contexto atual, isso significa dizer que é uma educação capaz de colocar em xeque a lógica neoliberal, o individualismo, a meritocracia, a competição e a concorrência e que produz meios de se enxergar o mundo com perspectivas de mudança. Uma das formas pelas quais a mudança se torna possível é pelo trabalho do educador comprometido com os oprimidos e ciente de que a educação, sozinha, não muda o mundo, mas que, sem ela, o mundo não muda (FREIRE, 2000).

Reiteramos a importância de Paulo Freire para nossa reflexão e a necessária perspectiva humanizadora na educação superior. Trata-se de um autor que, quando se refere aos oprimidos, destaca que, “nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens [e mulheres], na sua vocação ontológica e histórica de *ser mais*” (FREIRE, 2011, p. 72, grifo do autor).

Neste texto, objetivamos trazer, ainda que brevemente, uma reflexão sobre a necessidade e a urgência de uma educação humanizadora na educação superior comprometida com a dignidade e a liberdade humana. Esperamos que, nesses tempos difíceis que estamos vivendo, nos quais muitas vezes ficamos com a sensação de que a vida perdeu seu valor, essas reflexões sirvam também para alimentar “nossa fé nos homens [e mulheres] e na criação de um mundo em que seja menos difícil de amar” (FREIRE, 2011, p. 253).

Precisamos fomentar nossa fé nos homens e mulheres, bem como na capacidade de nos libertarmos das opressões e de nos humanizarmos, porque “toda relação opressora atua em mão dupla, ou seja, desumaniza não só a vítima, mas também o agente opressor” (SAUL; SILVA, 2012b, p. 9). Uma educação que oprime causa danos a toda a sociedade, não só para quem é oprimido, mas também afeta quem está em posição de sentir-se autorizado a oprimir o outro. Desse modo, segundo os autores mencionados e o próprio Freire, todos acabam produzindo uma sociedade desumanizada: “A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A *com* B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011, p. 116, grifo do autor).

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual?. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 39, n. 145, p. 1098-1117, out./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/jZgN9bxbKPr8m5SKrNCQr5f/?lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018206868>.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Educação popular e ensino superior em Paulo Freire. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, e104010, p. 1-19, jan. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/144800>. Acesso em: 24 abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201844104010>.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. *Educação*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 33-41, 19 mar. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/15003>. Acesso em: 1 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2014.1.15003>.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ensinar-aprender: desafios atuais da profissão docente. *Revista COCAR*, Belém, Edição Especial N2, n. 2, p. 298-318, ago./dez. 2016a. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1035>. Acesso em: 15 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.31792/rc.v0i2>.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. "Ideias-força" do pensamento de Boaventura Sousa Santos e a educação intercultural. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 15-34, jan./mar.

2016b. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/cjs9NB4DWjqv8ncCZg7RbDM/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698140011>.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

LIMA, Licínio Carlos. A Educação faz tudo? Crítica ao pedagogismo na “sociedade da aprendizagem”. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 15, n. 15, p. 41-54, ago. 2010. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1519>. Acesso em: 2 maio 2021.

MARCON, Telmo; SCOLARI, Adriel; MEZADRI, Neri José. Educação para a democracia no contexto neoliberal: desafios para superar a subjetividade concorrencial. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, v. 8, n. 00, p. 1-21, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8658379>. Acesso em: 23 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/riesup.v8i00.8658379>.

ROMÃO, José Eustáquio. Educação. In: STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 133.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. O pensamento de Paulo Freire em sistemas públicos de ensino: pesquisando políticas de currículo em um mesmo território, sob diferentes olhares. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 27, p. 9-26, abr. 2012a. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24249>. Acesso em: 30 abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias>.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. Uma leitura a partir da epistemologia de Paulo Freire: a transversalidade da ética na educação, currículo e ensino. *Revista Cocar*, Belém, v. 6, n.11, p. 7-16, jan./jul. 2012b. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/209>. Acesso em: 21 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.31792/rc.v6i11>.

STRECK, Danilo Romeu. Da pedagogia do oprimido às pedagogias da exclusão: um breve balanço crítico. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 107, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/WYVSkbkxVBNDd8M7HsjKZSy/?lang=pt>. Acesso em: 3 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000200012>.

Marcelo Augusto da Costa

Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (2015). Mestrando em Educação na Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. É membro do grupo de pesquisa Currículo, Práticas Pedagógicas e Formação de Professores.

augustoseminarista@hotmail.com

Ruth Pavan

Mestre e doutora em Educação pela UNISINOS. Pós-doutoramento em Educação pela UMINHO. Professora do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco – PPGE/UCDB. Bolsista de Produtividade do CNPQ. Coordenadora do grupo de pesquisa Currículo, Práticas Pedagógicas e Formação de Professores.

ruth@ucdb.br